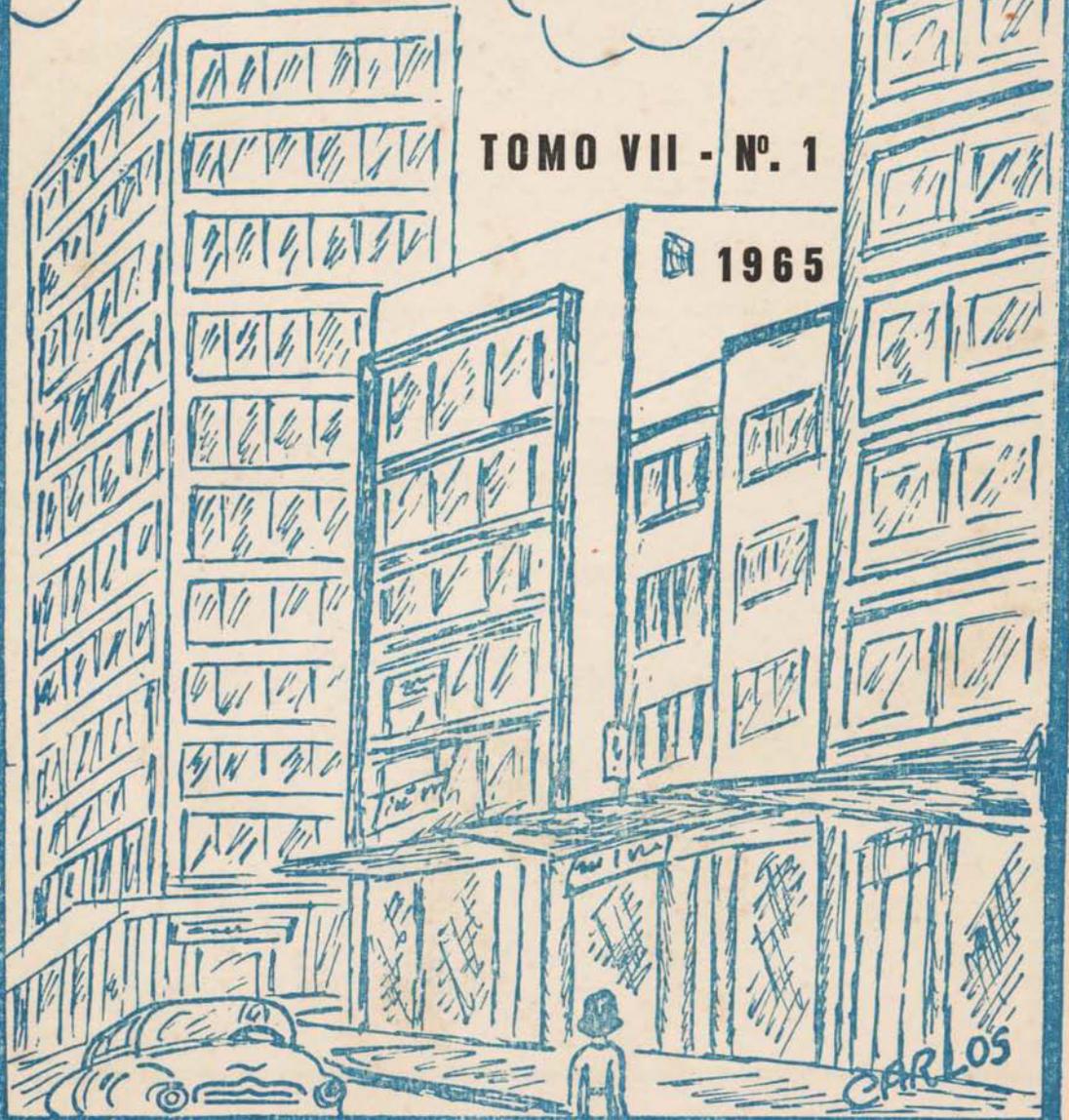


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII - Nº. 1

1965



CASA FLAMINGO LTDA.

CASA DAS TOALHAS

Matriz: *Rua 15 de Novembro, 367 - Caixa Postal, 455 - Fone, 1099*

BLUMENAU - SANTA CATARINA

COLOCAMO-NOS AO SEU INTEIRO DISPOR - não só como fornecedores de TOALHAS E FELPUDOS em geral, mas também dispomos de um departamento de informações apto a atendê-lo satisfatoriamente.

CASA FLAMINGO LTDA.

CASA DAS TOALHAS

FILIAL: *Av. Julio de Castilho, 1276 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul.*

FILIAL: *Rua Antonio Bittencourt, 39 - Fone, 5 - Balneário Camboriú - Santa Catarina.*

**De Blumenau para todos os cantos do Brasil a
CASA FLAMINGO atende também através de um
perfeito serviço de reembolso Postal,
Aéreo e Rodoviário.**

VISITE BLUMENAU!

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII



N.º 1

AOS NOSSOS AMIGOS

Graças á boa vontade com que algumas das principais firmas do Vale do Itajaí, atenderam à solicitação que lhes fizemos no sentido de não deixar morrer "Blumenau em Cadernos", temos hoje a satisfação de poder anunciar que esta revista, daqui por diante, aparecerá com a regularidade que sempre manteve, antes que a inflação tivesse criado as enormes dificuldades econômico-financeiras em que o país se debate.

Realmente, de tal forma aumentou o custo do papel e da mão-de obra, que os orçamentos para a continuação desta publicação chegaram a números tão altos que estávamos na iminência de dar definitivamente por encerrada a nossa tarefa.

Alguns dos nossos industriais, entretanto, sugeriram-nos fizéssemos um apêlo aos homens de maior responsabilidade desta região, para que não deixassem desaparecer uma revista que, incontestavelmente, tem e está prestando assinalados serviços ao adiantamento cultural do nosso povo.

"Blumenau em Cadernos" já se incorporará à vida intelectual do Estado como uma das suas mais autênticas expressões. Nenhum outro município do interior brasileiro possui uma publicação dêste gênero.

Bem avaliando essas razões, as pessoas a quem recorremos, sem exceção, prontificaram-se a financiar as edições mensais desta publicação, de sorte que, daqui por diante, ela aparecerá sem as interrupções a que fomos forçados no ano passado.

Com êste número iniciaremos o VII Tomo. Podemos orgulhar-nos do trabalho que até aqui realizamos. E tanto mais quanto foi um trabalho espontâneo, verdadeiramente louvável e patriótico porque idealista. Jamais auferimos qualquer lucro com esta publicação. E nem mesmo a simples e justa paga que merece o nosso esforço.

Mas damos-nos por satisfeitos e pagos com a consciência de estarmos prestando um serviço à coletividade.

Não desejamos, nem esperamos mais do que isso.

Agradecemos, sinceramente, às firmas que nos prometeram o seu auxílio. Aos nossos anunciantes, assinantes e leitores, o nosso agradecimento.

Estejam todos certos de que, na etapa que estamos iniciando com êste número, "Blumenau em Cadernos" não se afastará dos rumos que lhe traçamos desde a sua fundação. O novo tomo se incorporará aos seis, já publicados, com as mesmas características de critério e honestidade na matéria literária, na orientação equilibrada e sensata, no afastamento de qualquer discussão político-partidária ou religiosa.

DR. CUNHA & AVUÃO

Celso LIBERATO

No tempo docemente lembrado, em que Blumenau era apenas uma pequena e pacata comunidade de almas, sem os atropelos de hoje, o desprevenido traseunte que subindo ou decendo pela VORSTAD (hoje rua Itajaí) esbarrasse de súbito com um homem nem alto nem baixo, gôrdo e corado, de grandes bigódes grisalhos, chapéu branco, tipo colonial inglês, e roupa de zuarte azul, com blusão de gola virada, na certa que era o Dr. José Bonifácio da Cunha. Ou mais simplesmente, o DR. CUNHA.

Sua residência naquela rua, mais ou menos nas imediações do atual Hospital Santo Antonio, compreendia casa com varanda de "enchamel", jardim e pomar.

Baiano dos bons, dêsses que comem pimenta até com pão e manteiga, Dr. Cunha fixou-se em Blumenau lá pelos idos de 1885, passando desde logo ao exercício de sua profissão de médico, com generoso espírito de humanidade.

Ouví de meu pai, que era amigo do Dr. Cunha, que êste, muitas vêzes, ao regressar, a cavalo, de visita a um doente, apeava rapidamente, entrava em casa, engolia á pressa o seu "Frühstück", passava a sela para outro cavalo, tornava a montar, e lá se ia com a maleta dos remédios e instrumentos a sacolejar por estradas e atalhos, em socorro de outro paciente.

Naquele tempo, dura e penosa era a missão do médico no interior, obrigado ao atendimento dos pacientes em suas próprias residências, quase sempre esparsas e distantes. Não havia automóvel. Não havia hospitais e maternidades, que por congregarem numerosos sofredores sob o mesmo tétó, facilitam a assistência médica.

De sorte que o angustiante problema de transporte dos médicos, era quase que exclusivamente resolvido a casco de cavalo.

Seduzido pelas lutas políticas de então, foi Bonifácio Cunha eleito Superintendente Municipal de Blumenau e Deputado Estadual, cargo que exerceu com probidade e espírito público, inscrevendo a crédito da coletividade, valiosa soma de serviços.

Às vêzes, pelas férias, eu e meus irmãos vínhamos de Itajaí para Blumenau, em companhia de nosso tio Alfredo, maquinista do vaporzinho "PROGRESSO", a fim de passar alguns dias na casa da bôa família Zittlow, na rua das Palmeiras.

Uma bela tarde, em que nos achávamos na residência do Dr. Cunha, de brincadeiras com os filhos, apanha êle sua espingarda de balinhas e encaminha-se para a grande parreira de uvas existente nos fundos do quintal, á margem direita do Itajaí-Açu, com o fito de fuzilar os sabiás que depenavam os lindos cachos, com suas certas bicadas.

Nas pegadas do Dr. Cunha, nossa turma, distribuidos por baixo da parreira, em pontos estratégicos, nosso papel era o de verdadeiros amigos da onça, dos sabiás, pois nos cumpria indicar ao atirador, o local onde

pousavam.

Dr. Cunha atirava bem, de sorte que cada tiro equivalia a um atestado de óbito passado aos pobres sabiás.

No decorrer da tarde, chovia sabiá na parreira. Não aqueles líricos sabiás de Gonçalves Dias, que cantam nas palmeiras, uma sabiazada aguerrida, inflacionária, que se disputava a pontas de bico e côtos de azas, o seu bago de uva madura.

Em dado momento, grito "Dr. Cunha, uma deu um avução pra lá." E aponto na direção seguida pela pequena ave.

Talvez ainda atordoado pelo impacto daquele inesperado "AVUÇÃO". Dr. Cunha vira-se para mim e pergunta: "Menino, qual é a escola que você freqüenta?"

E eu, na fumaça da pergunta: "A escola da dona Júlia."

Tomo aqui por um desvio, para esclarecer que Dna. Júlia Miranda, era uma velha e dedicada professora, que desenburrou várias gerações de itajaienses, inclusive a minha, á fôrça de muita paciência e muitos piparótes.

D. Júlia, que era um feixe de energia, tinha sempre ao alcance da mão, um fino e comprido caniço, símbolo da ordem e da disciplina escolar, espécie de espada de Dâmocles pendente sobre as cabeças dos alunos.

Também, quando D. Júlia fazia suas preleções, tão profundo era o silêncio da pequena sala de aulas, que ouvia-se até o tatarar de asas das borboletas que ás vezes entravam pelas janelas.

Tinha um fraco, D. Júlia. Eram os ovos de marréca. Os ovos azuis das marrécas brancas de minha avó Emilia, que eu lhe levava cuidadosamente acomodados num cestinho, e ela pagava com moédinhas de vin-tém e tostão, expoentes metálicos de uma época de segurança financeira em que os níveis dos preços só oscilavam em função da lei nunca econômica-mente revogada, da oferta e da procura.

Não esqueceu Itajaí a prestimosa educadora, cujo nome foi dado ao Grupo Escolar do então bairro de Navegantes.

Deixo o brève desvio, para acrescentar que só á noitinha, quando já se acendiam as luzes das casas, cessou o sacrificio dos passarinhos.

E logo mergulhou o pequeno vale na solidão de antes.

Mas daí por diante, comecei a implicar com aquela pergunta do Dr. Cunha. Afinal, que tinha a ver a minha escola com o vôo dos sabiás? Que nexo haveria entre as duas coisas? Que teia invisível as ligaria?

Só mais tarde, melhor esclarecido, é que atinei com o porquê da pergunta, que sempre me pareceu descabida e disparatada.

É que, em matéria de linguagem, realmente "AVUÇÃO" não era flôr que se cheirasse. Ainda se fôsse "AVOÃO", vá lá. E nunca mais incorri num "AVUÇÃO". Tolice. Talvez até que na minha santa ignorância de menino de escola, estivesse, sem o saber, incorporando um neologismo alado á corrente da língua.

Em sua mocidade, escreveu Coelho Neto um livro certamente timbrado das imperfeições e arrebatamentos que em geral assinalam as obras

dessa fase da vida. Muitos anos depois, referindo-se ao livro, disse: "Hoje não o escreveria. Mas que saudades tenho do tempo em que o escrevi."

Sinto-me hoje no mesmo estado de espírito.

Nunca mais toquei em "AVUÃO", mas quem me dera o poder de Josué, não para prolongar os dias, mas para retroceder o tempo até o bicho papão do velho e prestativo Christiano, que carregava as malas dos viajantes do "PROGRESSO" e do "BLUMENAU", até a deserta rua QUINZE, sem sombra de automóvel, de onde rôlas e canários-da-terra mansamente levantavam vôo á passagem dos raros transeuntes, das carroças e dos carros de molas; até a cerveja "Bavária", de alta e loura espuma e as célebres gasosas de bolinhas, das quais meu irmão Mário havia de se lembrar pelo resto de sua vida; até a antiga e romântica Blumenau do canto, do piano e do violino.

Quem me dera voltar atrás, fundir os dias, romper com o calendário, para de novo gritar os meus "AVUÕES", nas parreiras do Dr. Cunha.

UMA OPINIÃO SÔBRE FRITZ MÜLLER

O Dr. Luiz Francisco da Gama Rosa, que foi presidente da província de Santa Catarina, de 1883 a 1884, e que conheceu pessoalmente o dr. Fritz Müller, escreveu, em jornal da época, as seguintes palavras sôbre a personalidade do ilustre sábio:

"Fritz Müller, o grande naturalista darvínico, representa, com o arqueólogo Lund, da Lagoa Santa, os dois maiores cientistas habitando permanente e definitivamente o Brasil, numa adopção de Pátria.

Conhecêmo-lo em Santa Catarina, quando professor de matemáticas, no Liceu Provincial, de que fomos juvenil aluno durante três anos, de 1862 a 1865.

Fritz Müller viera para o prestigioso, original e feérico Brasil, impellido por paixão cientista, aportando a Santa Catarina, em 1852.

Vagando, porém, um lugar no Liceu Provincial, conquistou a cadeira de matemáticas em concurso para sempre célebre.

Era, nessa época, homem de 35 a 40 anos, alto, magro, ágil, a barba inteira, curta, rala, sempre vestido singelamente, com roupas de algodão, tecidas na terra catarinense.

Uma de suas singularidades era realizar os cálculos mais complicados de modo exclusivamente mental. . .

Como disciplinado prussiano, jamais faltava ao Liceu, à

hora exata, e, cumprido rigorosamente o dever oficial, volvia apressadamente à Praia de Fora, onde habitava com a consorte e família, uma numerosa ninhada de crianças louras, por vêzes acompanhando-o ao longo da praia, quando, pés descalços e calças arregaçadas até os joelhos, colhia à beira d'água abundantes e variados espécimens da fauna marinha que cuidadosamente classificava.

Freqüentemente, as excursões dirigiam-se, também, às florestas e montanhas e, aí trabalhava isolado, sem a escolta das crianças louras.

Fritz Müller singularizava-se como naturalista por intensíssima e universal intuição filosófica, como assinalado intérprete das doutrinas de Darwin, com quem ativamente se correspondia, merecendo do Jeovah do naturalismo plena aceitação e glorificantes referências.

Fatos, investigações, descobertas, realizadas por Fritz Müller, à luz dessa ingente teoria, incessantemente corroboram e ampliam a grande doutrina emancipadora da mentalidade humana

As numerosas e prestantes obras de Fritz Müller, tôdas versando sôbre a natureza brasileira, merecem ser colecionadas, traduzidas e vulgarizadas.

Fritz Müller, apesar de aparências abstratas e reservadas, era vivacíssimo espírito, sempre a par não só de progressos científicos, como de todos os sucessos ocorridos no mundo, e muito especialmente no Brasil, acompanhando-os detidamente, em prolongadas leituras de jornais da Alemanha e nas do nosso invencível decano, o "Jornal do Comércio".

Apenas aposentou-se como lente, fixou residência em Blumenau, onde por dilatados anos, cercado de universal veneração, extinguiu-se, como supremo chefe espiritual daqueles nascentes povos teuto-brasileiros.

A 3 de maio de 1910, um meteoro caíu sôbre as montanhas das cabeceiras do Garcia, tendo sido visto por várias pessoas que admiraram o seu intenso brilho e enorme grandeza. O fato causou os mais descontra-dos comentários sôbre as hipóteses do fenômeno.

VALIOSA CONTRIBUIÇÃO

Com a emancipação da Colônia e a conseqüente instalação do Município de Blumenau em 1883, o seu panorama administrativo sofreu profundas mudanças. Até então, desde a medição e distribuição dos lotes coloniais, as relações entre os colonos e os poderes públicos, a fiscalização relacionada com o cumprimento das posturas e regulamentos comunais, até a própria repressão policial de contravenções e crimes leves, estavam quase que inteiramente a cargo da Direção da Colônia.

Novos funcionários vieram substituir os antigos e novos cargos e repartições foram criados. Veio uma comissão de Medição de Terras, sob a chefia do engenheiro Antunes e da qual faziam parte vários outros agrimensores e escriturários. E, com a nova ordem de coisas e os novos homens, o germen da política partidária começou a infiltrar-se num meio que, pela alta concepção do cumprimento honesto do seu dever, o Dr. Blumenau conservava completamente refratário a lutas dessa natureza. As idéias republicanas, que já fermentavam por todo o território nacional, também aqui chegaram com os novos funcionários públicos. Fundaram-se jornais. Um, o "Blume-

nauer Zeitung" em 1881. Outro, o "Im migrant", em 1883. E este nasceu para dar combate às idéias daquele, que eram francamente republicanas. A vilazinha calma que, até então, Blumenau tinha sido, começou a agitar-se. Os jornais, a cada nova semana, apareciam cheios de descomposturas, mimoseando-se, mutuamente, os próceres políticos, com epítetos pouco li-



Camandante José Francisco de Paula Ramos

vas, da nova ordem de coisas instalada no país.

Já então — e pode-se até mesmo afirmar que em tunção deles, unicamente, é que a situação chegou ao nível alcançado — haviam surgido no cenário político blumenauense, as figuras de Hercílio Luz, de Paula Ramos e de José Bonifácio da Cunha. O primeiro, filho da capital da Província, com grau de engenheiro civil, colado em universidade suíça, veio substituir Paula Ramos, que fôra transferido para Destêrro, na Repartição de Terras e Colonização.

O segundo, também engenheiro, natural de Pernambuco, viera para Blumenau em 1886. O terceiro, Bonifácio Cunha, era médico baiano. Pouco depois de formado, entrou para o corpo de saúde da Campanhia Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, construída em virtude de convênio com a Bolívia, em decorrência do Tratado de Petrópolis, em virtude do qual o Acre passou

sengeiros, quando não francamente ofensivos.

Com a proclamação da República, as paixões que vinham sendo, prudentemente, sopitadas, por um e por outro grupo, explodiram. Deram-se cenas as mais lamentáveis. O nome de Blumenau passou a surgir nas cristas dos grandes acontecimentos que agitaram o Estado, como o de um dos mais arrojados paladinos das idéias no-

para o domínio do Brasil. Alí adquiriu a malária. Veio para o sul, em busca de melhores ares e radicou-se em Blumenau, onde passou a clinicar. Homem bom, humanitário, conquistou logo simpatia geral. Envolvendo-se na política, foi o primeiro Intendente republicano nomeado, sendo, depois, eleito para o período de 1899 a 1903. Foi também deputado estadual.

Nosso intuito, neste artigo, entretanto, é citar alguns fatos e notas relacionados com o engenheiro Paula Ramos que, até sua morte, ocorrida em Pernambuco em 1925, gozou sempre de grande prestígio e foi verdadeiramente estimado e querido pela população blumenauense.

Paula Ramos contraíra núpcias com dona Maria Eurídice Ferreira, no Rio de Janeiro. Seu único filho, José Francisco, nasceu em Blumenau, a 25 de março de 1889 e cursou a Escola Naval e, como oficial da nossa marinha de guerra, teve brilhante atuação no desempenho de várias e honrosas incumbências. Uma destas, foi a de presidir a comissão que, em 1913, foi encarregada de examinar e recolher os despojos dos infelizes fuzilados na Fortaleza de Anhatomirim, vítimas da insânia de Moreira Cezar, em 1894. Hoje, João Francisco, reformado no posto de almirante, reside no Rio de Janeiro.

Há bem poucos dias, recebemos, dêsse distinto blumenauense, para o nosso Arquivo Histórico, importante documentação ligada à atuação de seu ilustre pai, não apenas neste município, mas no Estado, no país e no estrangeiro também. Além dos cargos que ocupou, como o de nosso representante na Assembléia Constituinte do Estado em 1890 e de deputado federal em 1894 e 1909, Paula Ramos desempenhou elevadas missões do governo federal no país, e foi diretor do Escritório do Serviço de Expansão Econômica do Brasil em Paris.

O papel que êle representou, na revolução de 1893, em defesa dos próprios princípios e dos ideais que então empolgaram a quase totalidade da população de Blumenau, foi dos mais arrojados e brilhantes. Excelente orador e jornalista combativo, soube, em tôdas as circunstâncias, pôr-se sempre à frente dos que lutavam por Blumenau e nunca deixou escapar oportunidade de demonstrar o seu reconhecimento pela solidariedade, pelo apoio com que o povo dêste município sempre o distinguira.

A documentação que — graças à feliz lembrança do Comandante José Francisco — veio enriquecer o nosso Arquivo, demonstra, em vários papéis de caráter íntimo, que a estima, a admiração que Paula Ramos votava a Blumenau não eram frutos de interêsse, de conveniências pessoais, inspirados na ambição política. Era êle sincero nos seus sentimentos.

Distantes, como já estamos, da época em que Paula Ramos, Hercílio Luz e Bonifácio Cunha atuavam na política, sentimo-nos ainda comovidos diante dos documentos que temos em mão. Êsses três homens, pelo menos por um longo período, foram ligados por forte amizade.

Hercílio era de gênio explosivo, facilmente irritável, cheio de melindres. Bonifácio Cunha, ao contrário, conquanto não fôsse nenhum cordeiro, era dotado de caráter pacífico, conciliatório. Assim, houve um tempo em que a política os separou. Romperam relações. Mais tarde, voltaram às boas. É verdade que sem o calor e o entusiasmo dos dias de luta republicana. Paula Ramos, por seu turno, era um espírito prudente. Ia até o fim

nas suas decisões, mas sem se perder em desmandos ou excessos de entusiasmo. Conquistava, facilmente, a confiança dos que dêle se aproximavam. Há, entre os documentos recebidos, muitas provas disso. Até mesmo em questões de fôro íntimo, havia confiança entre os três homens públicos.

Quando, por exemplo, em 1890, Bonifácio Cunha resolvera entrar para o rol dos casados, confiou a Paula Ramos a missão de pedir para êle a mão da senhorita Lilli Schmidt, com quem, realmente se casou.

Algumas das principais famílias blumenauenses, ainda hoje, seguem o costume, que, no tempo de Bonifácio Cunha, era muito observado, de publicar um jornalzinho por acasião dos casamentos realizados na alta sociedade. Davam a essas publicações que eram distribuídas entre parentes e amigos dos noivos e convidados, o título de "Hochzeits-Kladeradatsch", ou "Hochzeits-Zeitung". Temos, no nosso arquivo, vários dêsses jornais. E aqui, abrindo um parêntesis, pediríamos ás pessoas que possuam alguns desses jornais no-os mandassem para o Arquivo, pois êles representam uma excelente contribuição ao estudo da vida social em Blumenau.

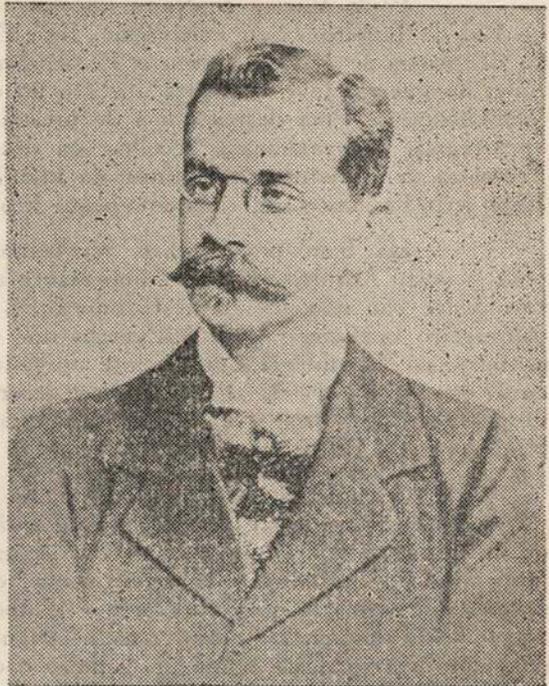
Pois, entre os muitos documentos que recebemos, veio o "Jornal de Casamento", de Bonifácio Cunha. Uma preciosidade que o Arquivo guardará com muito carinho.

Tanto Paula Ramos, como Bonifácio Cunha e Hercílio Luz,

êste menos que aquêles por ter sido mais curta a sua permanência aqui, integraram-se facilmente na vida social de Blumenau. Bonifácio Cunha aprendeu o alemão e, em companhia de Paula Ramos, Cunha Silveira, Francisco Margarida e outros dos poucos "brasileiros" que existiam em Blumenau, era visto constantemente nas mesas de "Skat", ou assistindo a reuniões sociais, nos atiradores e no "Frohsinn", ou integrando conjuntos musicais, (Bonifácio era exímio violoncelista) ou ainda participando de competições esportivas.

Com os documentos a que estamos nos referindo, veio a medalha conquistada por Paula Ramos na Festa dos Atiradores de 1890, com a indicação "Dem besten Schuss" (Ao melhor tiro).

Um fato que desconhecíamos, revela-nos, agora, a carta de novembro de 1920 em que o Ministro da Fazenda, Homero Batista, convida



Dr. VITORINO DE PAULA RAMOS
grande amigo de Blumenau

Paula Ramos, em nome do Presidente da República, para ocupar a presidência do Banco do Brasil. Em carta de 21 do mesmo mês, Paula Ramos declina do convite por "motivos de ordem particular, entre os quais devo salientar o meu estado de saúde, que está exigindo repouso e tratamento".

Por êste ligeiro apanhado, alinhavado às carreiras, pode-se ter uma idéia do alto valor histórico do presente que o Sr. Almirante Paula Ramos fez ao nosso Arquivo. Blumenau não esquecerá essa contribuição do seu digno e ilustre filho. Que estas linhas, ao mesmo tempo que tragam ao conhecimento público a valiosa oferta, sejam a expressão do sincero reconhecimento de Blumenau ao Almirante José Francisco de Paula Ramos, pelo seu gesto de magnífico desprendimento e que é, sem dúvida, uma demonstração muito eloqüente do amor e carinho que o ilustre blumenauense dedica à Terra que se orgulha de lhe ter sido berço.

OUTRA CARTA DE EDGAR BARRETO

Tal é a nossa admiração pelos dotes intelectuais do nosso conterrâneo e ilustre advogado Edgar Barreto, que não nos escrupularizamos de abusar da sua confiança, publicando cartas que nos têm mandado, em caráter particular. Mas, êsse intelectual é tão avaro das belezas da sua inteligência e do seu estilo, que somente usando dêsse expediente pouco recomendável, é que poderemos dar a conhecer, aos nossos leitores, peça de tão fino labor, como a carta que segue. O seu autor que nos excuse. Com um arranhão á ética, salvamos para a posteridade uma joia que seria pecado parecesse.

Prezado Amigo Ferreira:

Acabo de lêr, na revista americana "LIFE", International, um artigo interessante sobre "The Circuits of the Senses" (Circuitos dos Sentidos), de autoria de Robert Campbell, que, de certo modo, me serve de apoio científico, no tocante ao que disse, em minha última carta, sobre a relação entre o meio social e físico-geográfico de São Paulo e seu pauperismo beletrístico.

O assunto, em si, bem sei que não constitue novidade e estou em que nem o seja com relação á Paulicéia, sobre a qual, neste particular, alguém já terá escrito. É verdade barata, vetusta e muito sabida que o homem depende do meio em que vive e que êste influencia, decisivamente, sua personalidade e suas atividades. Assim, também nas letras.

Cada qual, na sua vida, vae coligindo observações e impressões e, após cotejo com as de outros, acaba formando juízo próprio a respeito de dado objeto.

Lendo José de Alencar, quando estudante, fiquei perplexo ao topar uma frase em que, paradoxalmente, falava da *grandeza asfíxiante* dos pampas. Mais tarde, não foi menor minha perplexidade quando li, em autor português, — que pretendia derrubar Eça de Queiroz do pedestal consagrador da admiração geral — entre outras, a afirmação de que êste sofrêra como que irreparável dano intelectual por efeito do *nihilismo bestificante dos campos*. Isto, só porque estivera exercendo cargo público num Conselho Provin-

ciano, durante 9 meses. Achei absurda tal assertiva, mas, associando os dois pensamentos á experiencia pessoal minha em campos de Santa Catarina (não como militante das belas letras, cousa que nunca fui, senão como simples estudante de Direito), me lembrei de São Paulo, em vista da semelhança topográfica e, conhecendo o ambiente social, cheguei á conclusão manifestada em minha anterior missiva.

Seja como fôr, dúvida não há que o artigo em aprêço, pela profundidade científica, aclara suficientemente a relação acima apontada, entre o homem e o meio em que vive. Traduzirei, em seguida, o trecho que mais interessa:

“É importante que o cérebro seja provido de sua dieta quotidiana de impressões, como revelaram recentes experiências do programa espacial. Uma pessoa privada de sons, contactos (parece referir-se, aqui, ao sentido do tato), visão de qualquer cousa, em suma, privado da própria sensação, em breve, começa a experimentar sinais de extrema angústia. Depois surgem alucinações, como si o cérebro insistisse em operar mesmo sem o material que necessita para operar adquadamente. Taes experiências indicam quanto é imperiosa nossa relação com o mundo que nos rodeia, e quanto é completa nossa dependência das sensações que, dêle, recebemos. Sem elas, a mente humana se obscurece, a realidade descamba para a irrealidade e, afinal, perdemos nossa identidade, nossa apercepção e a noção do que somos (“our meaning”) e nossa significação.

Voltando á vaca fria, pergunto: “Onde é que, na metrópole paulista, um poeta ou romancista há de encontrar a dieta adequada de impressões e sensações que lhe alimente e estimule a criatividade artística? Penso que nenhures, mesmo em doses homeopáticas. Aliás, notei que alguns moços paulistas preferem estudar no Rio de Janeiro. Certa feita, um jovem de Ribeirão Prêto, rebento da velha e ilustre estirpe dos Junqueira, que estudava no Rio, explodiu, não mais sei a propósito de quê: “São Paulo não vale nada! é uma detestável aldeia provinciana!”

Na qualidade de blumenauense, que, acorde com a maioria dos blumenauenses, sempre nutrí admiração pelo elevado padrão de desenvolvimento econômico, técnico e científico dos paulistanos, fiquei atônito. Entretanto, hoje, parece-me compreender melhor o rapaz, no que toca á sua idiosincrasia. Era um tipo sentimental e, assim, com laivos de emulação, de permeio (a conhecida rivalidade entre cidades), não se compadecia com a frieza do ambiente.

Tendo recebido, há poucos momentos, mais um número da “LIFE” (23 de setembro, 63), deparou-se-me uma reportagem que, por curiosa coincidência, bem se enquadra no assunto desta minha carta. O escritor irlandês Dominic Behan, como visitante e participante do “Festival de Arte” na capital da Escócia, Edinburgo, que, sob alguns aspectos, é semelhante a São Paulo, soube dissolver as arestas desfavoráveis com sadio humorismo. Reproduzo, adiante, os tópicos mais interessantes do seu “Canto de Dôr por Edinburgo” (“Paeon of Pain for Edinburgh”).

“Ha aí, um rufar de tambores militar, cuja função, presumivelmente, serve para mostrar-nos qual a missão dos exércitos — marchar de um lado para outro em filas, volver e fazer alto, dançar e tocar gaitas de foles. Só posso desejar que, tôda a vez que sejam chamados para enfrentar um ini-

migo, êste conheça as regras do jôgo e não comece a disparar suas armas contra os dançantes e jogar bombas contra os tocadores de gaita de foles.

“Perambulando pelas ruas de Edinburgo, será difficil imaginar qual o logar que inspirou homens como Allan Ramsay e Robert Fergusson, que, por sua vez, foram, de alguma forma, responsáveis por grande parte do pensamento literário de Robert Burns.”

“E, não obstante, Edinburgo produziu seu bom quinhão de artistas e escritores. Robert Adams e seus famosos irmãos arquitetos foram recebidos aqui de maneira esplêndida, enquanto Allan Ramsay, filho do poeta e pintor de retratos, mais Henry Razburn, conquistaram largo reconhecimento por suas obras. De outro lado, eu posso bem compreender que foi, nesta cidade, que o Sr. Simpson descobriu o clorofórmio como anestésico para a cirurgia. Provavelmente, ele estava á procura de um substitutivo mais barato para o álcool.

“Viver em Edinburgo é a cousa mais próxima de um feriado no cume do Monte Everest e, para completar a semelhança, está, aí, o clima. Stevenson disse a respeito do logar: Edinburgo paga um preço cruel pelo seu alto assento em meio de um dos climas mais vis debaixo do céu. “Tudo isto faz com que me sinta menos infeliz por não possuir os meios de fruir as atenções dos especialistas de Harley Sreet, os quais, segundo dizem, têm o costume de enviar seus pacientes a êste lugar, em benefício de sua saúde. De acôrdo com os livros-guia, Edinburgo sofre os ventos de leste apenas durante 130 dias do ano, e a única cousa de que tenho motivo de me queixar, é que esses mesmos 130 dias em benefício da saúde, me foram proporcionados dentro do mês que acaba de passar”.

“Muita cousa se tem propalado sobre a pretendida rudeza do povo de Edinburgo. Diz-se, por exemplo, que as primeiras palavras de quem recebe uma visita são estas: “Sente-se. V. S. querará tomar uma chávena de chá? “ou: “V. S. prefere ir-se embora antes de tomar qualquer cousa?” Não achei que fôsse êste o caso. Tal como eu vi, parece-me um povo muito generoso, procurando viver a vida numa bela cidade em que a vida social é encarada com maus olhos e o povo é advertido de lembrar-se das escrituras do Protestante John Knox e esquecer o milagre da conversão da água em vinho. Com a ajuda de alguns festivais internacionais, como êste, penso que a herança de Knox poderá ser, fâcilmente, expungida e êste apazível logar, afinal, assumirá o aspecto de um meio em que se vive, e não, como acontece presentemente, o de uma casa emprestada a moradores, que só não se mudam pelo temor de resarcir danos, no caso de o proprietário voltar.”

Fóra o pãodurismo e a austeridade Knoxiana dos Escocêses, há muitas semelhanças entre Edinburgo e S. Paulo, conforme se deduz da descrição que, daquela, nos dá o irlandês Behan.

No que toca á autoridade religiosa, parece que o puritanismo britânico não ficava muito aquém do escocês, isto, porém, mais para uso externo. Guardavam rigorosamente o silêncio dominical e não ingeriam alcohol em logares públicos, mas o homem do povo que não possuia adega, comprava sua bateria na véspera, para se embebedar em casa. Certa vez, Otto von Bismark, quando ainda não era o Chanceler de Ferro da Alemanha, passeava assobiando por uma rua londrina e não demorou que alguém o admoestasse: “Stop whistling!” (Deixe de assobiar!). Espantado, pergunta Bismarck: “what

for?" Por que?) e o outro, já mais delicadamente, responde: "It's sunday, sir"

Sabe-se que ninguém tolera que um estranho meta o pau na sua terra. Entretanto tudo depende da maneira de fazê-lo e o humorismo tem o condão, a misteriosa força de conquistar os corações. Assim é que, numa gravura inserta na reportagem supra, e que retrata um "meeting" do autor com o povo edinburgense, quase só se vêem caras alegres e sorridentes. Mesmo um velhote, com a cara de banda, apesar de aparente esforço, não consegue reprimir, de todo, a contração muscular de um sorriso.

Como, hoje, é dia santificado (após uma interrupção, só hoje, 2 de Novembro, voltei a esta carta), parece-me estar ouvindo a voz do inglês que admoestou Bismark, desta vez, por causa do barulho da "Olivetti": "Stop writing:" Por outras palavras: "Acabe com essa porcaria!" Eis aí um jeito mais suave de a gente se desculpar depois de haver enfiado o próximo.

Cordialmente,
E. Barreto.

- ESTANTE DOS "CADERNOS" -

"A Faca e o Rio", de Odylo Costa, Filho - Com honrosa dedicatória de seu ilustre autor, a Editora José Olímpio ofereceu à Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", "A FACA E O RIO", recente trabalho de Odylo Costa, Filho, há poucos dias nomeado adido cultural à Embaixada do Brasil em Lisboa.

Conhecíamos Odylo Costa, Filho, como jornalista. E como jornalista de verdade, dêsses que põem a pena à serviço do bem, unicamente. Que sabem, da mesma forma, fazer das notícias, pequenas joias literárias. Que informam ensinando e encatando.

Poeta, igualmente, Odylo Costa destaca-se como dos mais honestos e inspirados.

Agora, surge-nos como novelista. E a sua estréia, nesse gênero, não poderia ter sido mais feliz. "A Faca e o Rio", conta-nos uma estória singela, vivida nas terras do nordeste, as mesmas que o autor perlutrára na sua infância e que a vida intensa e atribulada de jornalista na cidade maravilhosa, jamais apagara da sua lembrança. Uma estória que enternece, que prende, e que a gente chega ao fim com verdadeira pena, sentindo que terminasse tão depressa.

Odylo Costa, Filho escreve com correção e, ao mesmo tempo, com simplicidade. É dono de um estilo agradável, sem complicações. É autor que se lê com real agrado.

Como sempre, a José Olympio fêz trabalho digno do renome que já conquistou, como das mais conceituadas e perfeitas editôras do país. Mão-de-obra limpa, boa apresentação técnica.

Parabéns a Odylo Costa, Filho e à Editôra José Olympio por mais essa significativa contribuição à cultura literária da nossa terra.

FIGURAS DO PASSADO

Pastor Hermann Faulhaber

Por mais de uma vez, temos feito referências, nestes "Cadernos", a um homem que, em Blumenau dos fins do século passado e da primeira década do que estamos vivendo, foi um dos mais ardorosos propulsores do nosso adiantamento cultural.

Jóven pastor de 26 anos de idade, Hermann Faulhaber veio para Blumenau em 1889, contratado pela Comunidade Evangélica local.

Síncero nas suas convicções religiosas, com espírito verdadeiramente apostolar e, sobretudo, disposto a exercer a sua missão de um modo particular entre a juventude, Faulhaber encontrou em Blumenau campo propício. E, mal assumiu as funções para que viera, voltou suas vistas para o ensino. A "Escola Nova" havia pouco fôra fundada e se ressentia de um pulso firme, capaz de assegurar-lhe a orientação que inspirara sua criação por um grupo de denodados blumenauenses.

Essa escola nascera das fumaças de uma ligeira crise nas relações entre católicos e protestantes da cidade, crise gerada de malentendidos colhidos em um sermão do então vigário da paróquia, o benemérito Padre Jacobs.

Faulhaber foi nomeado, pela diretoria da Escola, inspetor escolar e, como tal, assumiu-lhe praticamente a direção. Remodelou-a, dinamizou-a. Integrou-a, praticamente, na sua e na vida da Comunidade, de sorte que os seus alunos passaram a ser a principal preocupação da sua atividade.

E, aí, realizou uma obra digna de registro, pelo caráter cívico de que se revestiu. Faulhaber revelou-se um verdadeiro amigo e admirador do Brasil, cujas belezas não se cansava de destacar e enaltecer. Assim, êle mesmo compôs várias poesias que, além de muito

bem feitas, literariamente, ressumavam uma grande admiração, extraordinário afeto pelo nosso país. No número 5, tomo V. à pág. 94 desta Revista, transcrevemos uma dessas poe-



sias. Ela é um hino de encantamento pelas belezas de nossa Pátria e de esperanças no seu grandioso futuro.

Naqueles tempos da fundação da "Escola Nova", a grande maioria das crianças blumenauenses não falava o português. Os governos da província e do Império haviam descuidado, seriamente, o problema que, mais tarde, viria causar sérios transtornos à vida político-administrativa de Blumenau.

Apesar das constantes solicitações do Dr. Blumenau e, depois da emancipação, da Câmara e dos Superintendentes Municipais, o governo do Estado fazia ouvidos moucos aos reclamos por escolas públicas.

Apanhado a esmo, tomemos para exemplo, qual era a situação escolar em 1904 de toda a região da Bacia do Itajaí, pela qual se estendia o município de Blumenau. Havia, naquele ano, em todo o município, 95 escolas, das quais apenas 4 eram escolas públicas. As demais 91 pertenciam a comunidades escolares com professores alemães ou italianos, estes em ínfima proporção. Sabendo-se que, então, o número de crianças que frequentavam escolas era de 3.600 e que, destas, apenas 157 estavam matriculadas nas quatro escolas públicas (2 em Blumenau e 2 em Gaspar) pode-se avaliar exatamente qual era a situação do nosso município em relação ao ensino do vernáculo.

Nessas condições, o Pastor Faulhaber, homem prático e de larga visão, achou, e com razão, que para o ensino da História do Brasil às 3.400 e tantas crianças que frequentavam as escolas particulares, o mais acertado seria fazê-lo no único idioma que conheciam. Assim, deu-se ao trabalho, e sabemos que com grande entusiasmo e prazer, de escrever um compêndio de história pátria em língua alemã. Esse trabalho a que deu o título de "Leitfaden für die Unterricht in der Geschichte von Brasilien", foi publicado em 1903, na Tipografia de A. Guthe, em Bremen. Consta de 255 páginas. É um livro interessante e que, certamente, prestou um assinalado serviço à coletividade do Vale do Itajaí.

Não foi, apenas, na educação da mocidade que Faulhaber se distinguiu. Também na imprensa ele teve papel preponderante, tendo fundado em 1893 o jornal "Der Urwaldsbote", adquirindo, para tanto, a tipografia do segundo "Immigrant".

Tendo se casado, em outubro de 1895, com Alice Baumgarten, blumenauense, filha de Julio Baumgarten, o pastor Faulhaber passou a dedicar-se também à família, de que se tornou chefe exemplar. Dêsse matrimônio vieram-lhe três filhos: Roland, que desapareceu na última grande guerra, Rut e Joana, que ainda vivem aqui, em Blumenau, em companhia de suas tias.

Faulhaber viveu em Blumenau durante 17 anos. Foi, depois, transferido para a Alemanha, passando a administrar, como pastor, a pequena comunidade de Trebbin, próxima a Berlin. Nunca, porém, se esqueceu de Blumenau e do Brasil. Contam suas filhas que o Brasil era tema predileto das conversas de Faulhaber e que, nos dias feriados brasileiros, ele costumava haster, na fachada de sua casa a bandeira do Brasil, que ele guardava com muito carinho. Recebia, constantemente, jornais de Blumenau e do Rio de Janeiro. Assinava o "Jornal do Comércio" que lia com grande interesse. Ali, em Trebbin, ele deu-se ao trabalho de traduzir, para o alemão, o conhecido livro do Conde de Atonso Celso: "Porque me ufano do meu país". ("Warum bin ich stolz auf mein Vaterland?"). Essa tradução, publicada pela tipografia de Oscar Brandstetter, de Leipzig, já estava em 1910 na 3.ª edição. Essa, foi mais uma prova do grande interesse e amor que Faulhaber nutria pelo Brasil, pois, como se sabe, o Livro de Afonso Celso é um verdadeiro hino de louvor à Pátria que ele eleva e dignifica ao mais alto grau. Difundindo-o na Alemanha, em tradução correta e em edição bem feita, com as cores brasileiras a enfeitarem-lhe a capa, Faulhaber concorreu de maneira muito eficiente, para tornar o Brasil mais conhecido e respeitado no Velho Mundo.

Não foi menos ativa e menos eficiente a sua ação como chefe da comunidade evangélica. Além do zelo no exercício espiritual, propriamente dito, do seu ministério, várias obras de grande vulto assinalaram a sua passagem por aquele cargo. O grande templo evangélico de Itoupava Central e a escadaria principal da igreja evangélica de Blumenau foram construídos durante a sua gestão. Era bom orador e coube-lhe fazer a oração fúnebre dedicada à memória dos que, em 1894, morreram na explosão do vaso de guerra "Aquadaban", na baía Norte da Ilha de Santa Catarina. A entrada do Brasil na primeira grande guerra entristeceu-o profundamente. Durante o seu paróquio em Trebbin, ele teve, como pensionistas em sua casa, vários estudantes do Brasil. Faulhaber, que nascera na província de Posen a 28 de abril de 1863, faleceu em Trebbin a 9 de fevereiro de 1920. Sua esposa, dona Alice, seguiu-o muitos anos depois, a 11 de novembro de 1946. Suas filhas regressaram, então a Blumenau, para viverem em companhia de suas tias.

A Biblioteca Pública Municipal de Blumenau, numa homenagem a êsse grande batalhador pelo progresso cultural do Vale do Itajaí, colocou o retrato de Faulhaber em sua galeria de honra.

Região geoeconômica da Bacia do Itajaí

PIÇARRAS

Embora as águas que banham o seu território não sejam tributárias do Itajaí Açu, Piçarras foi incluído entre os municípios que integram a região da Bacia do Itajaí. Vamos começar por êle uma série de dados sobre os 42 municípios que compõe essa região. Terão, assim, os professores das escolas públicas e particulares da mesma região, elementos para satisfazerem as exigências do "Programa para os estabelecimentos de Ensino primário" relativamente ao estudo do Estado de Santa Catarina, em seus aspectos regionais.



VISTA DA BELA PRAIA DE PIÇARRAS

Piçarras é o mais novo dos municípios da Região da Bacia do Itajaí. E o seu território, também, é dos menos extensos.

Ligeiro histórico: Piçarras deve o seu nome ao sedimento argiloso assim denominado, e de que se compõe grande parte do subsolo da sua orla litorânea. É a essa constituição do terreno que se deve o fato de Piçarras possuir excelente água potável.

O nome foi dado, inicialmente, à praia de cerca de 8 quilômetros de extensão e que serve de franja a todo o litoral do município. Essa praia é um dos melhores balneários de Santa Catarina.

Situando-se nas proximidades da Armação de pesca de baleias que, em 1777, fôra estabelecida na Ponta do Itapocorói, Piçarras, que já contava com moradores esparsos ao longo da costa, provindos de São Francisco, passou

a ser visitada, com mais freqüência, pelos comerciantes e donos de barcos que vinham negociar com os que trabalhavam na citada armação e nos seus arredores e que, no retôrno dos navios ao Rio de Janeiro, iam carregados de azeite, barbatanas, gêneros da terra, etc.

As mais antigas notícias que temos de moradores de Piçarras, constam dos livros de assentamentos de batizados e óbitos da Capela de São João Batista de Armação que, segundo o historiador Pizarro, fôra edificada em 1759.

Por êles sabemos que, em Piçarras, onde já existia um cemitério, viviam, nos fins do século 18 e nas primeiras décadas do 19, famílias dos Caetano Vieira, dos Sant'Ana, dos Macedo, dos Silva Lima, dos Quadros.

Ali vieram se estabelecer, pelos meados do século passado, os Pinto e Figueiredo que abriram casas comerciais em Piçarras e cujos numerosos descendentes formam muitas famílias da região. Também Antônio Brás de Sant'Ana, mais conhecido por Antônio Amandio, foi dos mais antigos comerciantes da atual sede do Município.

Em 1820, passou por Piçarras, em sua viagem científica ao sul do país, o notável sábio francês, Auguste de Saint-Hilaire que, no seu livro, "Viagem pela Província de Santa Catarina", nos deixou interessantes observações sôbre os moradores e costumes da região.

Percorrendo a praia de Piçarras, Saint'Hilaire intorma que, de distância em distância, se avistavam casas, que não passavam de simples choças e que tôda essa zona, fronteira à praia, era muito povoada, mas que, uns três ou quatro quilômetros para o interior, não havia mais que floresta virgem. O sábio constata que, nos habitantes dêsse trecho da costa, há traços acentuados de sangue indígena; mas pouco a pouco vão desaparecendo porque, de contínuo, gente vinda da Ilha de Santa Catarina, na maioria originária dos Açores, por ali se estabelecia". *)

Na foz do Rio Piçarras, que em épocas, muito antigas foi conhecido como Rio Cambriú Mirim**, havia, desde as últimas décadas do século 18 uma parada. (Por isso, o rio era também conhecido por Rio da Parada, ou da Guarda).

Chamava-se "Parada" o pôsto guarnecido por soldados da Milícia de Pedestres, que eram encarregados de levar a correspondência para as autoridades da Vila de São Francisco.

Da antiga cidade de Destêrro (nome antigo de Florianópolis, Capital de Santa Catarina) partia um caminho pela orla oceânica que ia desde a Ilha de Nossa Senhora da Graça até a de Santa Catarina e desta para o Sul, até Laguna.

Nos diversos rios que o caminho atravessava, havia as tais paradas. Um estafeta levava a correspondência de uma até a próxima parada e, outro, desta até a parada seguinte, até que chegasse ao destino. Os milicianos empregados nesse serviço faziam também o trabalho de transportar, de canoa, os viajantes de uma para outra margem dos rios.

O território que, hoje, compõe o Município de Piçarras integrava o da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapocorói, criado pela lei n.º 109, de 23 de março de 1839 e que pertencia á jurisdição da Vila São Francisco. A jurisdição civil e eclesiástica dessa Vila ia desde o Rio Saí, ao

norte até o Itajaí ao Sul.

A igreja matriz da Penha, foi construída naquele ano e a população ao longo da Praia de Piçarras e do seu interior servia-se dessa matriz nos seus negócios espirituais.

Com a elevação da Freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajaí à categoria de Vila, em 1860, o distrito de Penha e, portanto, Piçarras também, passou para a jurisdição do novo município.

Assim permaneceu até que, pela lei n.º 438, de 21 de junho de 1958, o distrito da Penha foi elevado à categoria de Município, passando Piçarras a integrá-lo.

Por êsse tempo já se encontrava terminada a bela capela que, por volta de 1938 o povo de Piçarras começou a levantar em honra de Nossa Senhora da Paz, capela forânea da de Penha e onde, periódicamente, são celebrados atos religiosos.

O Município da Penha foi instalado a 19 de julho do mesmo ano da sua criação, sendo na ocasião, empossado o prefeito provisório, Dagoberto Nogueira, nomeado pelo govêrno do Estado e que administraria o município até as próximas eleições.

Estas se realizaram a 3 de outubro de 1958, tendo sido eleito prefeito o senhor João Felix de Andrade. A primeira Câmara Municipal, compunha-se dos cidadãos Milton Fonseca, Antonio José Waldrick, Paulo Filemon de Oliveira, Germano Selke, Henrique de Assis, Francisco Leopoldo Fleith e Walmor Antonio Kair.

O Sr. João Felix de Andrade, não chegou ao final de seu mandato, tendo sido substituído pelo sr. Paulo Filemon, que fôra eleito pela Câmara Municipal.

A emulação entre a sede do município e a Praia de Piçarras gerou descontentamentos entre a população desta, que se via completamente desamparada do poder municipal. O prefeito pouco olhava para os interesses de Piçarras, destinando todos os benefícios para Penha. Até pontes de absoluta necessidade ficaram ao abandono e acabaram em ruínas sem que viessem providências da Prefeitura. Isso gerou idéias de separação, providência que foi temporizada com a proximidade das eleições municipais de 1963, quando Piçarras apresentou como candidato ao govêrno do Município o sr. Antonio Telles, enquanto Penha disputava a eleição com o sr. José João Batista. Êste sagrou-se vencedor nas urnas.

Imediatamente, os vereadores de Piçarras, interpretando os anseios da sua população, trataram de separar-se de Penha. Depois de várias demarches, a providência concretizou-se em sessão solene da Câmara, de 5 de novembro de 1963, quando foi aprovada a resolução 7/63 que criou o Município de Piçarras.

Encaminhada a proposição à Assembléia Legislativa do Estado, por intermédio do deputado Paulo Rocha Faria, foi a mesma aprovada e convertida na lei n.º 937, de 19 de Novembro de 1963.

A 10 de dezembro, seguinte, o sr. Governador do Estado nomeou o sr. Francisco Leopoldo Fleith prefeito provisório do novo município e marcou a data de 14 do mesmo mês para a instalação.

Na data marcada, com a presença do sr. Ivo Silveira, presidente

da Assembléia Legislativa e representante do sr. Governador do Estado, de altas autoridades estaduais e municipais, efetuou-se a cerimônia de instalação do município e posse do seu primeiro prefeito.

O sr. Francisco Leopoldo Fleith, por motivo de ordem pessoal, exonerou-se do cargo a 28 de novembro de 1964, data em que assumiu o exercício de chefe, interino, do Executivo Municipal, o sr. Renato José Wunderlich que, até então, vinha exercendo as funções de Coletor Estadual.

Piçarras prepara-se, agora, para eleger a sua primeira Câmara Municipal e o seu prefeito, nas eleições convocadas para 3 de outubro dêste.

LIMITES - O Município de Piçarras limita-se: ao norte com o Município de Barra Velha; ao sul com o Rio Piçarras até a cabeceira da ponte da estrada geral Joinville-Itajaí e seguindo pela variante que dá acesso à Rodovia Lauro Müller, atravessa essa rodovia e segue, em linha reta, até a divisa do Município de Navegantes; a leste o Oceano Atlântico e a Oeste com o Município de Luiz Alves.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS - O Município de Piçarras situa-se entre 26°42' 25" e 26° 48' 5" de latitude sul e 48° 35' 40" e 48° 45' 10" de longitude oeste de Greenwich.

CLIMA - Geralmente temperado, com dias de maior calor em novembro até março. A praia de Piçarras é das mais saudáveis do Estado, pois, além de excelente água potável dispõe de clima sêco. Sendo raras as invasões de mosquitos, ali não há incidência de malária ou de outras moléstias por cuja transmissão aquêles insetos são responsáveis. A enseada que forma a faixa praiana, é abrigada de ventos pela Ponta do Cambri e Ponta do Itajuba de sorte que não é muito castigada pelas fortes ventanias de leste.

SITUAÇÃO ECONÔMICA - A economia de Piçarras se resume na agricultura, a que se dedica a maior parte da sua população e na pesca. Há diversas pequenas indústrias de olaria, serrarias de madeira e engenhos de farinha de mandioca. O Município é grande produtor de arroz e mandioca. Seu comércio é pouco movimentado. Aos poucos, a Praia de Piçarras vai afirmando sua fama de excelente balneário que, anualmente, atrai milhares de veranistas, principalmente do Norte do Estado e da capital paranaense. Piçarras, com providências bem orientadas, poderá fazer do turismo a sua maior fonte de renda. Tem condições para isso.

SUPERFÍCIE - A superfície do Município de Piçarras é de 106 Km². Além da área continental, propriamente dita, pertence à jurisdição de Piçarras a pequena ilha situada a pouco mais de um quilômetro da costa, denominada Ilha Feia. É desabitada. Nos mapas antigos essa ilha é designada como Ilha das Canas.

POPULAÇÃO - A população do Município é de 12.000 habitantes.

VIDA RELIGIOSA - Piçarras faz parte da paróquia de Nossa S. da Penha e, com esta, da Arquidiocese de Florianópolis. Possui uma ampla capela, onde, regularmente, aos domingos e dias santificados, são celebrados ofícios religiosos. Pelo interior do município há outras capelas como as de Santo Antônio, Lagoa, Rio Novo, São Brás e

Medeiros. A capela de Piçarras é dedicada à Nossa Senhora da Paz.

EDUCAÇÃO E ENSINO - O município conta, apenas, com ensino primário que é ministrado em um Grupo Escolar, na sede, seis escolas estaduais e cinco municipais distribuídas pelo interior. O município integra a 11.ª Região Escolar.

OUTROS ASPECTOS - A rodovia "Lauro Müller (antiga BR-59) corta o município de sul a norte, não passando, entretanto, senão pouco mais de um quilômetro distante da praia. Acompanhando a praia passa a estrada geral Itajaí-Joinville, por onde trafegam, diariamente em vários horários, os ônibus que fazem o trajeto entre Florianópolis e Curitiba e cidades intermediárias. Tem agências das Empresas "Auto Viação Catarinense", "Penha S. A." e "Auto Viação Brusquense"

Sua sede é iluminada a luz elétrica, sendo a praia a gás de mercúrio. Há uma farmácia, diversas casas de secos e molhados, fazendas, materiais para construções etc.

*) J. FERREIRA DA SILVA — História do Município de Penha.

* *) Idem, idem.

—:—MAIS UM TESTEMUNHO—:—

J. Ferreira da SILVA

É bem provável que o inesquecível Marcos Konder, em que todos os catarinenses reverenciamos um dos mais prestantes políticos e intelectuais da sua época, não tivesse lido o trabalho de Jacinto Antônio de Matos, "A Colonização do Estado de Santa Catarina", senão depois que escreveu, em 1920, a conferência, em seguida publicada em livro, a que denominou: "A Pequena Pátria".

Uma conferência, aliás, que é uma verdadeira e magnífica exaltação da sua querida terra, a risonha e esperançosa Itajaí, que êle tanto amou, honrou e engrandeceu.

O livro de Jacinto de Matos foi publicado em 1917, e constituiu-se em obra clássica para quantos se dedicam ao estudo do povoamento do território de Santa Catarina.

Lançamos a dúvida inicial porque, se Marcos Konder tivesse lido o que Jacinto de Matos afirma à página 114 do seu estudo, possivelmente teria dado outros rumos às suas pesquisas em torno da fundação da sua cidade natal.

Realmente, naquela altura do seu livro, o autor, quando menciona os arraiais de Pocinho e Belchior, para indicar-lhes a proximidade da Colônia Blumenau, afirma: "Estas últimas, (Belchior e Pocinho) foram iniciadas sob as vistas do Diretor da Colônia, coronel Agostinho Alves Ramos, influente e prestante cidadão e que FOI UM DOS FUNDADORES DA HOJE CIDADE DE ITAJAÍ". (O destaque é nosso).

Com essa pista, arguto e estudioso como era, Marcos Konder não teria limitado as suas buscas à autobiografia de Vasconcelos de Drumond,

para atribuir a êste, errôneamente, a fundação de Itajaí.

Aliás, é o próprio Marcos Konder que, na introdução à 2.^a edição da "Pequena Pátria", esclarece: "A única fonte onde colhi os subsídios para esta desprezenciosa crônica foram as 'Anotações' feitas pelo mesmo Drumond à sua biografia, publicada em 1836. . ."

Teria, certamente, o honesto homem público e intelectual dos mais autorizados, pesquisado o passado de Alves Ramos para chegar à certeza de que êste, e não Drumond, foi o verdadeiro fundador da cidade de Itajaí

Parece-me que, com a abundante e incontestada documentação que tenho publicado, em vários artigos e folhetos, dexei provado, mais que à saciedade, que Drumond não só não foi o fundador de Itajaí como, nem mesmo, pusera em algum tempo pés nas terras por onde se espalha, hoje, a tuturosa cidade, pórtico agrinaldado do Vale Maravilhoso em que vivemos.

E, para chegar a essa conclusão, não precisei contestar o saudosos e eminente autor da "A Pequena Pátria", quando pretende desfazer dúvidas e contravérsias levantadas ao pé das suas asserções, escreveu que "semelhantes contravérsias e dúvidas teriam razão de ser, se não possuíssemos o testemunho escrito do próprio colonizador que era um homem de bem e de carater, incapaz de mentir ou de fantasiar".

Embora existam fundamentos para se fazer algumas restrições a êsses conceitos, jamais neguei, em meus escritos, que Drumond tivesse estado no Itajaí.

Esteve, não há dúvida. Mas no Itajaí Mirim, nos terrenos em que, anos mais tarde, foi fundada a Colônia Itajaí, depois Brusque.

No Itajaí Açu, no local ou nas proximidades da atual cidade de Itajaí, Drumond nunca esteve.

E, nem ali e nem em Itajaí Mirim êle fundou coisa alguma.

Essa é que é a verdade.

De tal forma já tenho tratado dêsse assunto, tal têm sido a quantidade e a autoridade da documentação que tenho dado à publicidade, que eu havia resolvido não mais tornar ao assunto.

Se os itajaienses, na palavra oficial, persistem em ter, como fundador de sua cidade, quem realmente não o foi, é problema dêles.

Volto à carga, apenas, para poder aduzir, às muitas manifestações favoráveis a Agostinho Alves Ramos, como sendo o verdadeiro fundador da cidade de Itajaí, mais o testemunho da incontestável autoridade de Jacinto Antônio de Matos.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

WALTER SCHMIDT S/A.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1495 — FONES, 1095 e 1243

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: «C O M E T A» — **BLUMENAU**

Filiais em: JOINVILLE E RIO DO SUL

ELETRICIDADE INDUSTRIAL

TRANSFORMADORES - MOTORES ELÉTRICOS - GRUPOS
ELETROGÊNIOS - GERADORES - CHAVES E ACESSÓRIOS
PARA-RAIOS - FIOS DE COBRE NU E REVESTIDOS -
MEDIDORES - FERRAGENS E ISOLADORES PARA
LINHAS DE ALTA E BAIXA TENSÃO.

EQUIPAMENTOS DIVERSOS

MOTORES DE EXPLOSÃO - MOTOBOMBAS E BOMBAS
MANUAIS PARA TODOS OS FINS - ROLAMENTOS
DE TODOS OS TIPOS - MANCAIS - FERRAMENTAS -
CORREIAS - POLIAS - TALHAS.

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

QUADROS DE CONTRÔLE E DISTRIBUIÇÃO DE
ELETRICIDADE - CABINAS DE ALTA TENSÃO.

LUBRIFICANTES

OLEOS LUBRIFICANTES E GRAXA.

Representantes das mais afamadas marcas do Parque Industrial do país

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Matriz: ITAJAÍ — Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS Cr.\$ 6.000.000.000

DEPÓSITOS EM: 5/3/65 Cr.\$ 30.400.000.000

Agência em Brasília (D. F.) — Avenida W. 3, Quadra 7 B, Loja 3

Agência no Rio de Janeiro — Rua Visconde de Inhaúma, 134 Loja
Rua do Carmo, 66.

Agências em São Paulo — Rua São Bento, 341 — Rua Marconi, 45
Rua Florêncio de Abreu, 637 — Av. Celso
Garcia, 503 — Rua Cincinato Pomponet, 187

Agência em Curitiba — Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis — Praça 15 de Novembro, 9.

Agências no Estado de Santa Catarina: Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brasque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concordia, Criciúma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guarimir, Ibirama, Imbituba, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Lauro Müller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel de Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê,

Agências no Estado do Paraná: Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmeira, Ponta Grossa e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo: Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté,

Agências no Estado do Rio de Janeiro: Barra Mansa,

Escritórios no Estado de Santa Catarina: Biguaçu, São José e Urubici,

Escritórios no Estado de São Paulo: Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sosas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

— **Abra uma conta no «I N C O» e pague com cheque!** —